

2012

Previsões Acadêmicos ouvidos pelo Expresso coincidem num ponto: o próximo ano tem demasiadas incógnitas

Incerteza sobre o Ano do Dragão

Textos JORGE NASCIMENTO RODRIGUES

Ilustração HELDER OLIVEIRA/WHO

Para o zodíaco chinês, 2012 será o Ano do Dragão de Água. Um personagem mitológico carregado de sucesso e de sorte, mas totalmente imprevisível e ariscando stress excessivo. Ora, incerteza e picos de stress é o que parece não faltar no próximo ano, segundo os académicos e analistas ouvidos pelo Expresso em pontos bem diferentes do planeta. Previsões sólidas foram difíceis de arrancar.

Euro: ou vai ou racha

A crise do euro é o tema que mais opiniões atrai. O primeiro semestre parece ser crítico sobre a sua sorte. Dois países com peso surgem na ribalta: Itália e França. “Só em março serão €200 mil milhões. O meu medo é que as condições de mercado fiquem fora de controlo, dada a inabilidade dos governos da zona euro”, refere-nos Diego Valiante, chefe de investigação no European Capital Markets Institute em Bruxelas. Valiante fala de a Itália ser o ponto fraco do refinanciamento europeu em 2012 e de poder ser a surpresa desagradável do ano. Fabrizio Goria, editor do jornal financeiro “Linkiesta”, é mesmo mais radical: “A Itália vai necessitar de uma reestruturação. Não é demasiado grande para falir — é demasiado grande para resgatar”. Por isso, Hugo Dixon, editor do Reuters Breakingviews, em Londres, acha que a “Itália vai recorrer ao Fundo Monetário Internacional”. Constantin Gurdgiev, um professor russo a lecionar no Trinity College, em Dublin, arrisca mesmo: “Itália pode ser um cisne negro na zona euro”.

Por seu lado, a França “vai perder a sua notação de triplo A”, diz-nos Fabrice Pelosi, editor financeiro do Yahoo! Finance, em Paris. Os resultados das eleições presidenciais em abril são ainda uma incógnita, mas Pelosi espera “um novo plano de austeridade, o aumento do desemprego e o levantar de voo dos juros nos mercados de dívida”.

A crise do euro abre, no entanto, oportunidades para os “de fora”, diz o consultor indiano Ashutosh Sheshabalaya. “Biliões de euros em ativos europeus — excluindo os alemães — ‘afritos’ serão apetitosos para os grupos financeiros ingleses e norte-americanos, para os conglomerados indianos e capitais chineses”, afirma.

Olhada da Austrália, a crise do euro poderá desencadear “uma cadeia de acontecimentos”, diz-nos Bill Lucarelli, professor na Universidade de Sydney. “Uma cascata de incumprimentos poderá vir a seguir a um processo acumulado de estagnação e declínio”, sublinha o professor australiano. O emagrecimento da zona euro é um cenário que deve ser considerado “realista”, apesar do salto em frente que se pretende dar com o “compacto orçamental”, dizem vários dos entrevistados. Michael Pettis, professor na Universidade de Beijing, é par-

ticularmente crítico: “A Alemanha não dá mostras de compreender o seu papel nesta crise”. No entanto, a contrarrente, o finlandês Paavo Okko, professor da Universidade de Turku, acha que não haverá mais incumprimentos, mas apenas “alguns picos nos juros”. A própria saída do euro por parte da Grécia não lhe parece que ocorra em 2012. Hugo Dixon é, também, de opinião que não haverá saídas do euro. O custo de saídas individuais do euro é muito elevado, refere o alemão Ansgar Belke, da Universidade de Duisburg-Essen, mas

“pode chegar o momento em que um pequeno choque adicional é suficiente para forçar o colapso de toda a união monetária”. Isso pode acontecer se o “limiar de dor” for alcançado por vários países da zona.

EUA: default intermitente

“Podem ocorrer momentos de incumprimento (default) seletivo a cada dois meses até às eleições em novembro”, diz Peter Cohan, que vê a luta política pré-eleitoral como o real problema norte-americano, podendo criar situações de crise aguda, como a de agosto deste ano. A economia real está muito melhor do que a imagem que é dada diariamente sobre os EUA, sublinha o analista de Boston. Em 2011 atingiram-se lucros recorde e Cohan espera que em 2012 o crescimento de tais lucros seja inclusive na ordem de dois dígitos e a economia americana possa crescer 3%. Bob Eisenbeis, da consultora de investimentos norte-americana Cumberland Advisors, coloca a culpa no “comportamento disfuncional dos políticos em DC”.

China: enorme interrogação

O principal desafio da China continua a ser domar o sobreaquecimento da economia e evitar um estouro da “bolha” imobiliária, bem como fazer a transição para um novo modelo económico menos mercantilista (apostado nas exportações e na moeda desvalorizada artificialmente) e mais consumista internamente, já apro-

vado em março com o plano quinquenal 2011-2015. Um momento alto dessa transição será a eleição de uma nova liderança do Partido Comunista da China no 18º Congresso no outono. Mas Michael Pettis, a partir de Beijing, tem dúvidas: “A China não conseguirá ainda concluir o seu debate interno sobre os passos a dar para reequilibrar a sua economia. Por isso, as taxas de crescimento continuarão elevadas, na ordem dos 7% a 8%. No entanto, os níveis de dívida dispararão, o suficiente para alarmar o mundo”.

Repetição de 1937: uma hipótese

O ano de 1937 ficou batizado, durante a Grande Depressão do início do século passado, como o do *double-dip*, ou recaída na recessão. O australiano Bill Lucarelli acha que pode repetir-se o mesmo padrão de então. Ele adianta que os desequilíbrios mundiais entre países excedentários e deficitários estão a avolumar-se e que a “paz” atual pode romper-se de um momento para o outro. Lucarelli usa a expressão “balança do terror financeiro”, cunhada por Larry Summers em 2004, para caracterizar a situação de alto risco em que se vive. No entanto, o australiano Peter Drysdale acha que “as economias asiáticas emergentes ainda estão numa posição forte”. “O potencial de crescimento permanece elevado. Isso não mudou com a crise mundial”, refere o professor da Crawford School of Economics and Government da Universidade da Austrália, em Camberra.

economia@expresso.imprensa.pt

2011 foi “melhor” do que o previsto

As previsões mais negativas feitas há um ano acabaram por não se concretizar. Mas no verão viveu-se à beira de uma tempestade perfeita

O pior não ocorreu. Nas previsões para 2011, recolhidas pelo Expresso há um ano junto de onze académicos, os ‘cisnes negros’ (factos impensáveis) tiveram como candidatos a fragmentação da zona euro, o rebanhar da ‘bolha’ chinesa e o deflagrar de uma guerra regional inesperada com impacto global. Nenhum apareceu no lago.

Mas a previsão de um redesenho da zona euro, adiantada por Michael Pettis, um académico americano em Pequim, não andou longe. Bem como a ideia de que o Banco Central Europeu se poderia tornar no camião de recolha de títulos soberanos tóxicos da zona euro por via direta e/ou indireta, expressa pelo professor alemão Ansgar Belke, não ficou, também, longe da verdade.

Não se concretizou o risco de reestruturação das dívidas soberanas na Europa, nem mesmo a negociação da reestruturação parcial da dívida grega, entretanto decidida, ainda foi concluída. Os temores de que algo desagradável poderia acontecer com Es-

A primavera árabe acabou por nascer em dezembro de 2010 mas não provocou um choque sobre o preço do crude

panha acabaram por não se concretizar e foi Itália que subiu às luzes da ribalta da crise do euro.

O consultor indiano Ashutosh Sheshabalaya previu que a notação de crédito de França fosse cortada, mas acabaram por ser os EUA a inaugurar a saída do *rating* triplo A com uma crise política no verão. Algo surpreendente para a maioria dos analistas, que nunca esperariam que uma grande agência de notação — além do mais detida por um grupo financeiro norte-americano — tocasse na superpotência que detém o privilégio da divisa mundial e do poder militar global. Se houve um ‘cisne cinzento’ (improvável, mas não impensável), o corte da notação norte-americana pode ser o principal candidato de 2011.

Os piores cenários de um aprofundamento da crise também não se concretizaram, apesar de, no verão, a economia mundial ter estado à beira da “tempestade perfeita” — com a convergência de uma crise aguda na zona euro, de cimeira em cimeira ineficaz, de uma crise política em Washington e risco de um incumprimento seletivo da dívida nos EUA, e de um surto inflacionário na China.

ARTIGOS INTEGRAIS A PARTIR DE 1 DE JANEIRO EM www.expresso.pt